

## Tradução de variedades linguísticas: uma análise das obras *Manual Prático do Ódio* e *Manuel Pratique de la Haine*

Letícia Campos de Resende\*

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva apresentar uma análise comparada de diálogos do romance *Manual Prático do Ódio* (2003), de Ferréz, e de sua tradução para o francês, intitulada *Manuel Pratique de la Haine* (2009). A impossibilidade de fazer corresponder diferentes variedades linguísticas obrigam o(a) tradutor(a) a optar por tendências de estrangeirização ou domesticção (VENUTI, 2008). Analisando os procedimentos da tradução (BARBOSA, 1990) adotados na versão francesa, identificamos uma predominância da postura domesticadora.

**Palavras-chave:** tradução sociolinguística; estrangeirização/domesticção; literatura marginal.

**RÉSUMÉ:** Ce texte a comme but de présenter une analyse comparée de certains dialogues retirés du roman *Manual Prático do Ódio* (2003), de Ferréz, et de sa traduction vers le français, *Manuel Pratique de la Haine* (2009). L'impossibilité de faire correspondre de différentes variétés de langue est à l'origine de l'enjeu du *dépayement* et de la *domestication* (VENUTI, 2008). Par une analyse des procédés de traduction ["*procedimentos de tradução*"] (BARBOSA, 1990) relevés du texte en français, nous vérifions la prédominance de la *domestication*.

**Mots-clés:** traduction sociolinguistique; dépayement/domestication; littérature marginale brésilienne.

### Introdução

Este texto tem o objetivo de promover uma análise paralela entre o romance *Manual Prático do Ódio*, escrito por Ferréz em 2003, e sua tradução para o francês, *Manuel Pratique de la Haine*, realizada por Paula Anacaona, fundadora das *Éditions Anacaona*, em 2009. O estudo comparado será fundamentado pela terminologia de procedimentos técnicos proposta por Barbosa (1990) e por uma reflexão sobre a tradução interlingual de variedades linguísticas.

Analisar a tradução francesa da obra de um escritor marginal brasileiro não apenas nos permite problematizar possíveis sentidos produzidos por um público estrangeiro a partir da leitura do romance em questão, mas nos permite igualmente alargar as fronteiras de troca entre espaços periféricos brasileiros e internacionais. Em um plano mais amplo, nosso objetivo consiste em mostrar em que medida a circulação desses textos no polissistema literário brasileiro e francês pode lançar as bases para um trabalho que torne possíveis e mais intensas as trocas entre diferentes culturas.

Uma obra de Ferréz foi escolhida como objeto de análise graças à representatividade do autor na cena marginal brasileira. Como apontado por Patrocínio

---

\* Licenciada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, cursa o mestrado em Estudos Literários e o Bacharelado em Francês na mesma instituição

(2013), Ferréz é “um dos principais articuladores do movimento literário que reúne escritores residentes na periferia dos grandes centros urbanos” (p. 150). É ele o responsável pelas edições da revista *Caros Amigos* dedicadas à publicação e à visibilidade de textos escritos por sujeitos marginais/periféricos.

*Manual Prático do Ódio*, segundo livro publicado por Ferréz, é o único romance do autor traduzido/publicado na França. A tradutora responsável pelo trabalho, Paula Anacaona, deu início às atividades de sua editora com a publicação do livro de Ferréz. As *Éditions Anacaona* é uma editora independente que, no início, se dedicava apenas à publicação de obras produzidas por autores marginais brasileiros. Atualmente, a editora conta com um catálogo que inclui romances regionalistas, obras de autores contemporâneos e livros infanto-juvenis que tematizam aspectos da cultura brasileira.

A análise que apresentamos abaixo visa a cotejar o texto de partida e o texto de chegada a partir de diálogos retirados das duas versões. Conforme veremos adiante, uma das características mais marcantes do texto de Ferréz é o uso da gíria e da variedade local, bem como a incorporação de traços de oralidade à escrita. Assim, o registro periférico é mais marcante nos fragmentos de discurso direto, já que o narrador tende a apresentar uma fala mais monitorada sob o ponto de vista do contínuo variacionista estabelecido por Bortoni-Ricardo (2004). Cada trecho foi segmentado segundo o conceito de “unidade de tradução” proposto por Alves (2000).

Nosso texto se divide em três partes principais. Na primeira, explicamos as razões por que adotamos a perspectiva de Alves e expomos algumas limitações apresentadas pelos métodos de análise técnica propostos por Barbosa. Na segunda empreendemos um levantamento dos procedimentos da tradução constatados no texto de Anacaona. Na terceira, selecionamos alguns pontos que nos chamaram atenção ao longo da análise, nomeadamente, a tradução de aspectos sociolinguísticos, à luz de Tarallo (1991) e Cunha Lacerda (2010), e a marcação cultural, conforme a define Aubert (2006). De um modo geral, nossa análise nos permitiu verificar a constância de um procedimento de equivalência domesticador cujo objetivo consiste em aproximar a perspectiva de um autor originário da periferia brasileira (mais especificamente, paulistana) do ponto de vista de um leitor francês.

## 1. Delimitações metodológicas da análise

Nesta seção, oferecemos uma explicação dos princípios de segmentação e de descrição técnica evidenciados na próxima seção. O levantamento dos trechos selecionados para análise seguiu critérios previamente mencionados na “Introdução”. Para este estudo, conforme discutimos abaixo, segmentamos cada excerto segundo a definição de “unidade de tradução” (UT) defendida por Alves (2000).

De acordo com Alves, uma UT é “um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor” (ALVES, 2000, p. 38). Pela definição apresentada, o estabelecimento de uma UT independe de fatores como a extensão do segmento e o escopo do enunciado – *i.e.*, se o foco de “repartição” recai, por exemplo, sobre a palavra, a oração, o período, o parágrafo etc.

A leitura em paralelo apresentada abaixo buscou segmentar em UT – separadas entre si por um traço – trechos retirados do romance *Manual Prático do Ódio*. Em alguns casos, a segmentação se estendeu ao nível da oração; em outros, ao nível do período (com raras exceções, operamos no nível da palavra). As UT foram divididas de modo a possibilitar tanto a compreensão individual das unidades, quanto a relação entre as unidades e a totalidade do enunciado. Cada unidade segmentada no texto de partida (TP) foi pareada com a unidade “equivalente” no texto de chegada (TC).

Quanto à adoção de uma nomenclatura de descrição dos procedimentos técnicos, baseamo-nos na proposta de Barbosa (1990). Antes de passarmos à análise, contudo, é importante ressaltar dois pontos em que a terminologia estabelecida pela teórica se prova insuficiente: (i) quando expressões são adicionadas ou apagadas na tradução por motivos que não dizem respeito à estrutura morfossintática da língua de chegada (nesses casos, recorreremos à improvisação das categorias “acrécimo” e “supressão”); (ii) quando a tradução promove alterações no uso dos tempos verbais expressos no TP (nesse caso, limitamo-nos a apontar a mudança, sem, no entanto, oferecer uma nomenclatura de análise).

Quanto à apresentação dos excertos, lembramos ao leitor que todo o *corpus* componente de nossa análise é formado por diálogos retirados do romance. Por essa razão, procuramos introduzi-los por meio de uma contextualização enunciativa que, antecedendo as transcrições, procura responder às seguintes questões: “quem [que personagem] fala?”, “para quem?”, “em que situação?”. As análises e descrições dos procedimentos propriamente ditos são desenvolvidas ao fim de cada transcrição.

## 2. Descrição dos procedimentos

Os fragmentos descritos abaixo foram escolhidos segundo critérios de adequação a nosso objetivo principal. Desse modo, procuramos selecionar diálogos em que estivessem presentes elementos linguísticos ou extralinguísticos diferenciadores entre as culturas relacionadas, e questões associadas à tradução de variedades sociolinguísticas.

Vejamos agora os resultados das descrições, sobre as quais apresentaremos um pequeno balanço na seção seguinte.

O romance conta a história de Aninha, Régis, Neguinho da Mancha na Mão, Celso Capeta, Mágico e Lúcio Fé, que planejam, juntos, cometer um assalto. Neste primeiro excerto, temos a reprodução de uma conversa entre Neguinho da Mancha na Mão e Eduarda, uma jovem que Neguinho conhece em um bar:

Texto de partida (TP)	Texto de chegada (TC)
– Se faz duas horas que ele foi ao banheiro,   a malandragem pegou ele   e deu sumiço. (p. 22)	– Si ça fait deux plombes qu’il est aux techio,   c’est qu’il a décidé d’faire un sale coup   et qu’y s’est fait la malle !

**1ª UT:** identificamos procedimentos de tradução literal e de explicitação do pronome “ça” – reduzido de sua forma padrão “cela”; a tradução de “horas” por “*plombes*”, termo da gíria francesa, sugere o emprego de um procedimento de compensação, na medida em que a tradutora presumivelmente desloca o uso estilístico da gíria, recorrente em outros trechos do texto de partida, a fim de recuperá-lo no texto de chegada. Por essa mesma via, a substituição por “*plombes*” poderia, em certa medida, ser pensada como um procedimento de equivalência, uma vez que, considerando a macroestrutura narrativa, podemos identificar a aproximação entre duas variedades sociolinguísticas distintas (brasileira e francesa). De modo geral, contudo, o impasse de classificação revela as limitações decorrentes dos procedimentos listados por Barbosa (1990).

**2ª UT:** nesse segmento, a análise se prova mais complexa, pois opera um acréscimo à estrutura sintática do TP: a expressão “*c’est que*”, equivalente à expletiva “é que” no português, é introduzida com o objetivo de enfatizar a explicação da demora do personagem referido pelo enunciador. Com isso, o período do TP é praticamente reconstruído no TC, que acrescenta palavras (o verbo “*décider*”, por exemplo) ausentes no português. Além disso, constata-se um processo de equivalência associado a um

procedimento de modulação: o termo “malandragem”, típico do português do Brasil (PT-BR), não encontra tradução correspondente no francês<sup>1</sup>. Desse modo, a tradutora opta pelo uso da expressão idiomática “*sale coup*”, usada em referência a uma “ação dissimulada, cometida com o objetivo de prejudicar outra pessoa”<sup>2</sup>. A equivalência proposta para o enunciado do TP implica uma modulação no segmento traduzido, transformando o sentido passivo do texto em português (o personagem foi pego, atingido pela malandragem) em um sentido ativo – exigido pragmaticamente pela expressão traduzida – em francês (o personagem é o responsável pelo “*sale coup*”; ele o cometeu).

**3ª UT:** observamos uma mudança na organização sintática do período. Isso se explica pela necessidade de construção de paralelismo sintático entre essa UT e a unidade anterior. A expressão “deu sumiço” no TP é substituída por equivalente (“*se faire la malle*”, que significa “partir”, “fugir”) no TC. A modulação persiste, uma vez que essa UT compartilha o sujeito da unidade de tradução anterior. Assim, mantém-se a troca de um sentido passivo por outro, ativo. Mais uma vez, contudo, a classificação dos procedimentos de tradução não abarca todas as mudanças formais e semânticas operadas pela tradução. Se considerarmos que este segmento se relaciona ao anterior – o que, de fato, ocorre por uma relação de coordenação –, vemos que a tradução torna muito mais explícito o sentido do original: a ideia de que a malandragem tenha pegado o personagem e lhe dado sumiço dá a entender que o personagem “deu um bolo” em sua namorada – foi embora e deixou-a sozinha na festa. Com a expressão “*sale coup*” em francês, a tradutora deixa clara a intenção enganosa do personagem (segundo o dicionário online *L’Internaute*, por exemplo, um “*sale coup*” pode ser definido como uma piada ou brincadeira de mau gosto).

No capítulo 1, somos apresentados a Modelo, um personagem coadjuvante. O trecho abaixo reproduz uma conversa entre esse personagem e um rapaz não identificado, ajudando o leitor a compreender um pouco melhor o universo retratado:

Texto de partida (TP)	Texto de chegada (TC)
– E aí, Modelo,   o barato tá louco pra mim.   Tô descabelado,   se eu levantar a grana, eu busco ela,   fui buscar os barato na mão grande,   aí vou nos corre pra ver se busco a Belina,   a Ana Maria levou dois tiros sem saber,   tava de vacilo. (p. 28)	–Yo, Beau-Gosse !   Putain, c’est auch !   J’suis dans la merde, grave !   La première thune que j’vois, j’la prends direct,   j’ai été obligé d’faire un braco sans flingue, la misère j’té jure !   Bon, j’mé magne, j’dois voir Belina,   hé, t’as vu Ana Maria ? Elle s’est pris deux balles,   elle faisait pas gaffe, la conne !

**1ª UT:** constatamos uma ocorrência de tradução literal em que se manifesta um processo de equivalência (a expressão “E aí” é traduzida por “Yo”). O nome “Modelo” é reescrito como “*Beau-Gosse*” [literalmente, “bonitão” ou “garoto bonito”], a fim de recuperar o humor do texto de partida.

**2ª UT:** mais uma vez, constatamos um tipo de reestruturação sintática – e semântica –, exigida por procedimentos de equivalência: a expressão “o barato tá louco” é substituída por “*c’est auch*”, que no francês configura-se como uma espécie de

<sup>1</sup> Existe em francês o substantivo “*malandrin*”, que compartilha a mesma origem etimológica de “malandro” em português. Essa palavra, contudo, já caiu em desuso no contexto francês e não dá conta do imaginário associado ao “malandro” brasileiro, que se destaca como uma figura cultural muito específica.

<sup>2</sup> Tradução minha do original: “*action surnoise pour nuire à quelqu’un*”. Definição disponível em: <http://www.linternaute.com/dictionnaire/fr/definition/sale-coup/>. Acesso em: 15 jul. 2016.

interjeição, traduzida, *grosso modo*, como “tá difícil!” em PT-BR. Além disso, acrescenta-se a interjeição “*Putain !*” e suprime-se o sintagma “pra mim”.

**3ª UT:** como procedimentos predominantes nessa tradução, a equivalência e a modulação se repetem aqui, uma vez que a expressão “estar descabelado(a)” do PT-BR (mais especificamente, da variedade da periferia de São Paulo) é reescrita como “*être dans la merde*” em francês. Além disso, acrescenta-se no TC a expressão “*grave*”, usada em variedades coloquiais do francês para expressar concordância com um enunciado precedente ou para indicar intensificação (como é o caso aqui) do que foi dito. De modo geral, como ilustrado pelo segmento anterior, é possível afirmar que a tradução francesa tende a ser mais explicitadora, a fim de tornar o texto mais claro e realista ao leitor francês. Ao acrescentar interjeições ausentes no original ou ao incluir tabuísmos no texto em francês, a tradução parece tentar resgatar um modo de expressão mais familiar à gíria francesa.

**4ª UT:** observamos um exemplo de reestruturação sintática de período, em que uma oração subordinada condicional no TP é substituída por uma construção muito comum no francês: a marcação dupla do objeto direto, que, além de anteceder a oração “*j’la prends direct*” na forma nominal (*la* = “*La première thune que j’vois*”), é indicado na forma pronominal (“*la*”) no interior da oração principal. A tradutora, também é necessário encontrar uma equivalência para a gíria “buscar alguma coisa” (no caso, “a grana”). Ela o faz por meio do verbo “*prendre*”, que em PT significa “pegar”. Não se trata de um procedimento de equivalência, mas, antes, da explicitação do sentido do termo original. A expressão “*direct*”, no sentido de “na mesma hora”, “imediatamente”, pode ser encarada como um acréscimo ao TP, embora remeta igualmente ao procedimento de compensação, uma vez que se trata de um uso comum na variedade coloquial falada por jovens na França. Poderíamos supor que a impossibilidade de equivalência da expressão “buscar” levou a tradutora a compensar a perda do traço sociolinguístico pelo acréscimo de um termo que sugerisse a oralidade e coloquialidade do texto.

**5ª UT:** fenômenos comentados no segmento anterior se aplicam aqui também. A expressão “na mão grande” não é traduzida por outra equivalente no TC: a tradutora indica o sentido original no texto em francês: “*sans flingue*”, *i.e.*, sem arma. O mesmo se aplica a “buscar os barato”, traduzida como “*faire le braco*”, ou seja, cometer, fazer um assalto. Na tradução, constatamos ainda o acréscimo de “*j’ai été obligé de*” [“fui obrigado a”] e de “*la misère j’te jure !*”, expressão usada ao fim da colocação feita pelo personagem e que não pode ser traduzida ao pé da letra, pois desempenha uma função pragmática: o falante a associa a um ponto que ele deseja enfatizar ou ao qual seu interlocutor deve prestar atenção. De novo, poderíamos compreender o acréscimo de “*la misère [...]*” como um procedimento de compensação, que ajuda a marcar a variedade coloquial e periférica – tornada óbvia no TP pela expressão “buscar os barato na mão grande”.

**6ª UT:** observamos um caso de tradução literal em que chamam atenção procedimentos de reestruturação de período – da oração subordinada final no TP, passa-se a um contexto de subordinação sem conjunção explícita no TC –, de equivalência (“*ái*” por “*Bon*”, “vou nos corre” por “*j’magne*”) e de modulação [?], se pensarmos que a expressão “busco a Belina” no TP é reinterpretada sob outra perspectiva com o uso do verbo “*voir*” (“ver”).

**7ª UT:** destacamos a ocorrência de tradução literal com acréscimo de uma oração, “*hé, t’as vu Ana Maria ?*” e supressão de outra, “sem saber” (no TP). No caso da oração que foi literalmente traduzida: “a Ana Maria levou dois tiros” > “*Elle s’est pris deux balles*”, observamos a substituição de Ana Maria por um pronome pessoal

com função anafórica (“*Elle*”); a explicitação do pronome “*se*”, já que nesse contexto “*prendre*” se torna um verbo pronominal; a modulação operada pela noção de “levar tiros” e “tomar balas” (“*se prendre des balles*” no francês).

**8ª UT:** aqui, observamos um procedimento de tradução literal, acompanhado pela explicitação do pronome “*elle*”. Constatamos também a troca da frase afirmativa (“tava de vacilo”) por uma frase negativa (“*elle faisait pas gaffe*”) – embora as duas evoquem uma carga semântica negativa, a mudança de tipo de frase indica uma modulação. Além disso, o acréscimo da expressão “*la conne*” (i.e., a idiota) pode ser considerado um procedimento de compensação, já que “vacilo”, no português, é uma expressão da gíria; no francês, “*faire gaffe à quelque chose*” é uma expressão padrão que se traduz literalmente como “tomar cuidado com alguma coisa”. Talvez o uso de “*la conne*” confira um aspecto mais coloquial ao TC.

O trecho a seguir retrata uma conversa de telefone entre Régis e Magu, que revelam o plano para descobrir o endereço da pessoa que o primeiro se encarregou de matar:

Texto de partida (TP)	Texto de chegada (TC)
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Sabe onde tá morando?</li> <li>– Claro,   liguei pra família,   disse que era do Grupo Sílvio Santos,   disse que o maluco comprou um carnê do Baú [...].</li> <li>– Firmeza então! (p. 53).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Tu sais où y crèche?</li> <li>– Sûr,   j’ai appelé sa millefa,   j’ai dit que j’faisais partie du groupe Silvio Santos,   j’ai bidonné que l’bâtard avait pris une carte de crédit à la conso [...].</li> <li>– OK, <i>Firmeza</i> !</li> </ul>

**1ª UT:** identificamos um procedimento de tradução literal, acompanhado pela explicitação dos pronomes pessoais “*Tu*” e “*il*” – adaptado no TC para sua grafia fonética “*y*” – e pela transformação da locução verbal “tá morando” no verbo “*crèche*” (conjugação na terceira pessoa do singular do infinitivo “*crécher*”), que mais uma vez opera um processo de compensação estilística no qual a gíria é realocada no texto.

**2ª UT:** neste caso, destaca-se um procedimento de tradução palavra-por-palavra.

**3ª UT:** observamos a explicitação do pronome “*je*” e do verbo conjugado “*ai*”, auxiliar necessário à formação do passado. Destacamos igualmente a transposição da preposição “para”, em “ligar para”, que em francês é traduzida como o pronome possessivo “*sa*”. Como último ponto, chamamos atenção para a tradução de “família” para a forma verlanizada<sup>3</sup> “*millefa*”, que põe em jogo um novo processo de compensação estilística.

**4ª UT:** mais uma vez, temos a explicitação das formas “*j’ai*”, formadas pelo pronome “*je*” e pelo verbo conjugado “*ai*”, auxiliar do *passé composé*. Chamamos atenção para uma espécie de modulação indicada pela passagem da oração impessoal, sem sujeito, “era do grupo Silvio Santos”, para a oração conjugada na primeira pessoa

<sup>3</sup> A palavra “*verlan*” se origina a partir da inversão da expressão francesa “[à] *l’envers*” [“do avesso”] e se refere a um fenômeno linguístico comum na variedade linguística das periferias francesas: a inversão das sílabas das palavras. Como vemos acima, “*oim*” se caracteriza como a inversão do pronome tônico “*moi*”, e “*téma*”, como a inversão do verbo de uso coloquial “*mater*” [“olhar”]. Não é incomum que jovens moradores das periferias se comuniquem inteiramente em *verlan*. Apesar de ser um fenômeno linguístico estigmatizado (dada a manifestação em uma variedade pouco prestigiada), algumas palavras cuja origem remonta ao uso do *verlan* já são correntes nas variedades coloquiais francesas – sobretudo, nas variedades compartilhadas pelos jovens – e se infiltram em todas as classes sociais: “*meuf*”, por exemplo, é formada a partir da inversão de “*femme*” [“mulher”], e hoje em dia é usada pelos jovens de todas as classes sociais para se referirem às mulheres de maneira geral – seja em um sentido positivo ou pejorativo.

do singular “*j’faisais partie du groupe Silvio Santos*”, cuja formação inclui a substituição de “*ser*” por “*faire partie*”. Observamos ainda a ocorrência de tradução literal e a transferência do nome “Silvio Santos”.

**5ª UT:** neste caso, mais uma vez, além dos procedimentos de tradução literal, de explicitação e de mudança do tempo verbal (do pretérito perfeito no TP (“comprou”) para o mais que perfeito no TC (“*avait pris*”)), gostaríamos chamar atenção para o procedimento de aclimatação, em que “carnê do Baú” é traduzido como “*carte de crédit de la conso*”, sintagma composto por vários acréscimos e por uma mudança de registro, que passa o verbo “disse”, no TP, para “*bidonné*” no TC – este é definido pelo *Nouveau Petit Robert de la langue française* (2007) como “blefar”.

**6ª UT:** temos, finalmente, um caso de tradução literal com transposição e inversão da ordem dos elementos da frase, acompanhado pela transferência de “firmeza”, que no TC se caracteriza como um estrangeirismo. A propósito dos estrangeirismos contidos no TC, é preciso afirmar que a primeira ocorrência de cada um deles é sempre esclarecida por uma nota de rodapé. Assim, quando a interjeição “firmeza!” aparece pela primeira vez no livro, o leitor francês é informado de seu sentido: “*Littéralement, signifie courage, détermination, force. Est devenu une parole de salut plus ou moins équivalente au ‘Tranquille !’ ou au ‘Check !’, salut poing contre poing*” (ANACAONA, 2009, não paginado). A mesma medida é tomada no caso de “tá ligado”, expressão que tampouco é traduzida no TC.

### **3. Variedades linguísticas em jogo: a tradução para o francês de um falar periférico paulistano**

Para os Estudos Linguísticos, a Virada Cultural da década de 1960 representa uma guinada funcionalista calcada no seguinte princípio: nenhum sistema linguístico independe dos aspectos culturais, sociopolíticos e ideológicos que informam o uso de uma língua. Na verdade, são esses mesmos aspectos que determinam as diferentes formas e estruturas assumidas pela língua. Dentre as correntes de estudo impulsionadas por essa nova perspectiva linguística, destaca-se a Sociolinguística Variacionista, cujos fundadores atribuem à heterogeneidade da sociedade a existência de múltiplos dialetos e socioletos em um mesmo sistema linguístico. É a partir dessa premissa que se estabelece o “princípio da heterogeneidade sistemática” (CUNHA LACERDA, 2010, p. 134), segundo o qual as mudanças e variações linguísticas são resultado da intervenção de fatores internos e externos à língua.

De modo semelhante ao marco representado pela Virada Cultural, a área dos estudos literários também se viu balançada por estudos que, com base em novas concepções de cultura, traziam para o meio acadêmico a legitimação de novos tipos de manifestações culturais. A essa nova lente de enfoque analítico, dá-se o nome de Estudos Culturais. É, em parte, essa corrente teórica que nos permite, hoje em dia, problematizar o lugar da análise acadêmica puramente estética, que, até então, não abria espaço para reflexões políticas e sociais, suscitadas, por exemplo, pelo estudo da literatura marginal periférica.

A literatura marginal “entra em cena”<sup>4</sup> a partir da publicação de três edições especiais da revista *Caros Amigos*, intituladas *Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia* (2001, 2002, 2004). Desde o início do movimento, chama atenção a reivindicação dos autores – e de Ferréz, sobretudo – por um meio que os permita “preservar uma memória e uma cultura que não encontra espaço nos discursos hegemônicos [...]” (PATROCÍNIO, 2013, p. 17). Dessa forma, características como o

---

<sup>4</sup> A expressão é emprestada do título da dissertação de Érica Peçanha do Nascimento (cf. Referências).

caráter testemunhal e a reprodução de socioletos periféricos passam a ser postas em questão nos textos literários.

Com efeito, a variedade local – oriunda da periferia paulista de onde fala Ferréz – começa a figurar como procedimento literário nos textos de autores marginais: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, s.d.). Quando o sujeito marginal/periférico se torna objeto e sujeito – a fotografia e o fotógrafo –, é inevitável que sua linguagem se imprima no texto que produz.

É a presença de variedades linguísticas específicas aos falares periféricos que enseja a sociolinguística neste texto. Tendo constatado a presença de uma variedade periférica, essencial aos objetivos éticos e estéticos de *Manual Prático do Ódio* – cuja escrita é profundamente marcada por traços da oralidade –, uma tradução política, social e literariamente comprometida com a obra deve levar em conta esse aspecto, buscando maneiras de “transportá-lo” (TARALLO, 1991) para o discurso de chegada.

Na seção anterior, a descrição dos procedimentos técnicos identificados na tradução realizada por Anacaona (2009) mostra ao leitor que, devido à impossibilidade de reproduzir em francês expressões e estruturas típicas do universo sociocultural em que se encaixa a variedade dos textos de Ferréz, a tradutora recorre à domesticação do texto de chegada (VENUTI, 2008), compensando a perda de traços do português por meio do léxico, de marcas de pronúncia e de construções comuns ao registro da *banlieue* parisiense, onde são mais comuns, conforme afirma Goudaillier (2001), ocorrências de estruturas como o *verlan*, recorrentemente empregado por Anacaona. Ao mesmo tempo, a análise empreendida segundo as categorias de Barbosa (2009) nos revela a complexidade da tradução de variedades sociolinguísticas culturalmente marcadas, que frequentemente não podem ser contidas pelas amarras estruturais de processos de modulação, transposição etc. As escolhas da tradutora corroboram a impossibilidade de uma correspondência entre determinada variedade da língua de partida e outra da língua de chegada, na medida em que “cada dialeto e/ou socioleto é único” (CUNHA LACERDA, 2010, p. 133).

Com efeito, a recepção internacional de obras brasileiras que tematizam a favela suscita, no mínimo, duas questões contraditórias relacionadas ao horizonte de expectativa do público leitor: a primeira, por um lado, vai ao encontro desse horizonte, na medida em que reitera o imaginário de leitores estrangeiros, habituados a associar o espaço da favela à realidade brasileira; a segunda, por outro lado – sobretudo no caso de obras escritas por moradores da periferia –, oferece uma nova perspectiva da vida nesse ambiente, pondo em causa o próprio conceito, que por si só já é problemático, de literatura brasileira. Nesse sentido, a tradução domesticadora da literatura marginal brasileira torna acessível a leitores estrangeiros inseridos em um polissistema literário forte e, como afirma Even-Zohar (1990), menos aberto à recepção de obras traduzidas, uma realidade contestadora de estereótipos associados à cultura brasileira.

Embora a inserção da literatura marginal no mercado editorial internacional não pareça oferecer (pelo menos, por enquanto) uma oportunidade eficiente de criação de laços entre ambientes marcados por experiências tão locais e, ao mesmo tempo, tão globais<sup>5</sup>, não devemos deixar de considerar as implicações de uso do *verlan*, por exemplo, como recurso de tradução de um falar especificamente brasileiro. O fenômeno de inversão das sílabas não encontra equivalentes no português brasileiro. No contexto

---

<sup>5</sup> Embora não seja o caso da França, a favelização já constitui hoje um fenômeno global, vivenciado ao redor do mundo.

francês, essa enunciação “ao avesso” é vista por Maffesoli (2002) como exemplo de uma “poética da gíria” (p. 36, tradução minha) que expressa as vivências de um mundo diferente daquele expresso pela ordem estabelecida. Uma vez que textos marginais/periféricos oriundos de diferentes espaços se ligam, em parte, pela contestação de um sistema social e econômico opressor, a tradução domesticadora pode ser uma forma de “intermediar culturas/variedades linguísticas diversas” (CUNHA LACERDA, 2010, p. 138).

Ao mesmo tempo em que discutimos a tendência domesticadora do texto traduzido, não podemos deixar de mencionar a inserção de elementos estrangeirizadores na obra. O primeiro deles, condizente com uma proposta que deseja respeitar a espacialidade e a temporalidade da narrativa, consiste na manutenção de elementos diferenciadores do contexto brasileiro – os chamados “marcadores culturais”: na versão francesa são transferidos nomes de instituições, organismos, personalidades brasileiras, que permitem ao leitor estrangeiro não perder de vista a especificidade cultural do lugar representado. Por outro lado, e neste ponto seria possível alegar uma falta de sistematicidade na tradução francesa, são mantidas no TC expressões brasileiras, típicas da variedade paulistana periférica, para as quais haveria equivalentes em francês – prova disso são as notas de rodapé criadas pela tradutora com o objetivo de explicar os sentidos de tais expressões:

[tá ligado:] *Tu vois ce que j'veux dire ? Tu captes ?*  
[firmeza :] *Littéralement, signifie courage, détermination, force. Est devenu une parole de salut plus ou moins équivalent au « Tranquille ! » ou au « Check ! », salut poing contre poing<sup>6</sup> (ANACAONA, 2009, não paginado).*

É curioso pensar que, na própria de nota do tradutor, a tradutora apresenta equivalentes (“*plus ou moins*”!) às expressões estrangeiras transportadas diretamente do texto de partida. Se pensarmos que grande parte (se não todas) das equivalências feitas no corpo do texto são “mais ou menos equivalentes” ao TP, constatamos que a introdução do estrangeirismo permite ao leitor entrar em contato com “amostras” de uma língua e de uma cultura que ele talvez desconheça inteiramente. Os estrangeirismos, nesse caso, não são exemplos de inconsistência ou irregularidade em uma tradução majoritariamente marcada pela domesticação: eles constituem antes uma estratégia que pode complementar a ligação entre os espaços periféricos brasileiros e os espaços periféricos franceses.

A versão francesa de *Manual Prático do Ódio* percebe o que está em jogo não apenas na escrita de Ferréz, mas no processo de tradução dessa escrita: a (auto)apresentação de um grupo excluído da produção literária, bem como a tensão entre oralidade e escrita, que desafia e problematiza o próprio meio de representação elegido por esses artistas marginais: a literatura brasileira, que, desde sua formação na segunda metade do século XVIII (CANDIDO, 2000 [1975]), vem sendo dominada por um grupo muito restrito de autores homens, brancos, altamente letrados, pertencentes às classes média e alta.

---

<sup>6</sup> A definição oferecida para “tá ligado” pode ser traduzir como “Você entende o que eu quero dizer? Você capta?”. Já a definição de “firmeza” apresentada por Anacaona pode se traduzir como “Literalmente, significa coragem, determinação, força. Tornou-se uma forma de saudação, mais ou menos equivalente, ao ‘Tranquille!’ ou ao ‘Check!’, cumprimento com o punho”.

## Considerações finais

Nossa análise nos permitiu constatar de que modo a tradução pode funcionar como um recurso de contato e de interseção entre culturas. Vimos que a tradução realizada por Anacaona tenta aproximar a cultura/discurso de partida da cultura/discurso de chegada, criando um plano sistemático de equivalências domesticadoras. Fenômenos linguísticos tipicamente franceses e, mais especificamente, parisienses (cf. *verlan*), são utilizados para expressar construções linguísticas intrinsecamente brasileiras.

A tradução de *Manual Prático do Ódio* cria “inteligibilidade mútua” (SANTOS, 2003) entre culturas que, de outro modo, manter-se-iam espacialmente distantes. Infelizmente, a publicação dos textos de escritores marginais brasileiros no exterior ainda não atingiu uma circulação expressiva, embora já se faça sentir em eventos literários como a Feira do Livro de Frankfurt e o próprio *Salon du Livre* de Paris, que em 2015 receberam autores como Ferréz, Marcelino Freire e Paulo Lins. Não obstante, ainda permanece, em larga escala, a distância entre margens brasileiras e margens internacionais. Continuamos, entretanto, à procura de modos que nos permitam não apenas aproximar literaturas oriundas de diversas periferias, mas expandir seus espaços de circulação.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, F. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. In: \_\_\_\_\_ et al. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Editora Contexto, 2000, p. 29-38.
- BARBOSA, H. G. Proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução. In: \_\_\_\_\_. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990, p. 63-77.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CANDIDO, A. Literatura como sistema. In: \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 [1975], p. 23-25.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. Tradução e Sociolinguística Variacionista: a língua pode traduzir a sociedade? *Revista Tradução e Comunicação*, v. 20, p. 127-142, 2010.
- EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. In: \_\_\_\_\_. *Papers in Historical Poetics*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics & Semiotics, 1990.
- FERRÉZ. *Manual Prático do Ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Manuel Pratique de la Haine*. Tradução Paula Anacaona. Paris: Éditions Anacaona, 2009.

\_\_\_\_\_. Terrorismo Literário. Disponível em:  
<http://editorialiteraturamarginal.blogspot.com.br/2006/10/literatura-marginal.html>.  
Acesso em 15 jul. 2016.

GOUDAILLIER, J.-P. *Comment tu tchates !*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2001.

MAFFESOLI, M. *La part du diable*. Paris: Flammarion, 2002.

NASCIMENTO, E. P. do. “*Literatura Marginal*”: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

PATROCÍNIO, P. R. T. do. *Escritos à margem*: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

RODRIGUEZ, B. M. O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 24. Brasília, p. 53-67, jul.-dez., 2004.

SANTOS, B. de S. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Reconhecer para libertar*: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 25-59.

TARALLO, F. Aspectos Sociolinguísticos da Tradução. In: COULTHARD, M.; CALDAS-COULTHARD, C. R. (Org.). *Tradução: teoria e prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991, p. 33-46.

VENUTI, L. Invisibility. In: \_\_\_\_\_. *The Translator's Invisibilty: A History of Translation*. 2 ed. London, New York: Routledge, 2008.

Data de envio: 02-10-2017

Data de aprovação: 20-11-2017

Data de publicação: 22-12-2017